



Contexto histórico da atividade apícola como prática agroecológica e sua expansão no cerrado do Norte goiano

Historical context of beekeeping activity as an agroecological practice and its expansion in the North goiano cerrado

LOPES, Rodrigo Alberto¹; SALES, Nathana Izabela Silva²; EPIFANIO, Maristela Lima Figueiredo Guimarães³

¹Médico Veterinário, Mestrando do PPGMADER, UnB, Planaltina, rodrigolopesmedvet@gmail.com;

²Eng. Florestal, Ma. Ciências Florestais e Ambientais, UEG, Porangatu, nathanaizabela@gmail.com;

³Bióloga, Esp. em Educação Ambiental, Mestranda em Ciências Florestais e Ambientais – UFT, Docente do Curso de Ciências Biológicas, UEG, Porangatu, maristela.epifanio@ueg.br

Eixo temático: Construção do conhecimento agroecológico e dinâmicas comunitárias

Resumo: A apicultura é uma atividade econômica crescente no Norte de Goiás, devido a grande diversidade de floradas, principalmente nativa, e microclimas favoráveis, há um grande potencial de desenvolvimento na região proporcionando a polinização de espécies nativas e cultivos agrícolas, bem como a produção de mel e outros produtos. Assim, este trabalho tem como objetivo analisar o contexto histórico da atividade apícola como prática agroecológica e sua expansão no cerrado do Norte Goiano. Foi feito um levantamento de documentação histórica através de consultas a documentos na associação e cooperativa de mel da região. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com doze apicultores e apicultoras, principalmente aqueles que estão na atividade há mais tempo, sendo também entrevistada a ex-coordenadora regional do MOBRAL. Com os dados obtidos através das pesquisas de campo foi percebido o quanto a atividade apícola é importante para a região na inclusão e geração de renda para as comunidades.

Palavras-chave: Apicultura; História; Agroecologia; Goiás.

Keywords: Beekeeping; History; Agroecology; Goiás.

Introdução

A biodiversidade, conforme Alho (2012), possui um importante papel no bem-estar dos seres vivos, uma vez que provém produtos básicos e serviços ecossistêmicos. A polinização, serviço ecossistêmico realizado pelas abelhas, incluindo as *Apis mellifera* com sua acentuada polinização, é essencial para a manutenção da biodiversidade e para a produção de alimento em cultivos agrícolas. Assim, favorece positivamente na sustentação do ecossistema, além de possibilitar ganhos de produtividade em diversas culturas, além de permitir o consórcio com qualquer outra atividade agropecuária (IMPERATRIZ-FONSECA; NUNES-SILVA, 2010; SANTOS; RIBEIRO, 2009).

Portanto, a atividade apícola, conforme exposto por Santos e Ribeiro (2009), se caracteriza como essencialmente ecológica, comprovadamente rentável, podendo ser desenvolvida em quase todo o espaço geográfico que tenha condições de clima favorável e exuberância de floradas. Segundo Guimarães (1989), por atuar



positivamente na manutenção da biodiversidade, a apicultura é uma das poucas atividades agropecuárias essencialmente sustentável, uma vez que gera renda, utiliza mão-de-obra familiar e não exige o desmatamento.

A região Norte de Goiás é considerada polo apícola, sendo que a exploração apícola é feita por agricultores familiares, através da mão-de-obra familiar, que tem na atividade uma complementação de renda familiar com média de 30 colmeias e não se pratica a apicultura migratória.

Por meio dos documentos gerados pelas atividades desenvolvidas por determinada organização, pessoa ou família é possibilitado o registro da história e da memória humana, rica fonte de informação. Assim, este trabalho tem como objetivo analisar o contexto histórico da atividade apícola como prática agroecológica e sua expansão no cerrado do Norte Goiano.

Metodologia

Em 2019 foi realizado um levantamento de documentação histórica na EMATER/Porangatu, na Associação dos Apicultores do Norte Goiano – APINORTE e na Cooperativa dos Apicultores e Agricultores Familiares do Norte Goiano - COOPERMEL. Além disso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com doze apicultores e apicultoras, principalmente aqueles que estão na atividade há mais tempo, sendo também entrevistada a ex-coordenadora do MOBREAL, programa de ensino que proporcionou o primeiro contato com a apicultura na região.

Resultados e Discussão

Segundo o senhor José Araújo de Oliveira, técnico agrícola, bacharel em direito e funcionário da Emater há mais de 30 anos, na região norte de Goiás a apicultura teve início em 1984 através da necessidade de capacitação para assistência. Nessa época a apicultura ainda era pouco conhecida, principalmente na região norte do Estado:

E com isso chegou um produtor, um agricultor de Minas Gerais do entorno lá de Belo Horizonte e ele comprou uma propriedade na região da Grupelândia, Capelinha da Grupelândia, e como ele tinha experiência com a apicultura em Minas Gerais ele procurou o Banco do Brasil. Esse senhor era o Moacir Cândido e o Banco do Brasil financiou o primeiro projeto de apicultura em Porangatu, esse projeto dele que consistia na aquisição das colmeias, os EPIs, indumentárias, uma casa de mel, uma casinha de processar (Sr. José Araújo).

Desse modo, o senhor Moacir Cândido se tornou o primeiro apicultor e o proprietário do primeiro empreendimento apícola a receber financiamento para a atividade. Assim, a Emater ao fazer cursos de capacitação dos seus técnicos, convidou o senhor José Araújo para participar do curso de apicultura com o objetivo de dar suporte ao senhor Moacir.



Nesse sentido, o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), com sede em Porangatu, e o Programa Diversificado de Ação Comunitária (PRODAC), através da coordenadora regional dona Domingas Izídio Ferreira, compreendeu que a apicultura também poderia ser uma forma de educação de adultos.

Com isso, segundo a dona Domingas e o senhor José Araújo, em 1984/ 85 foram entregues cinco kits apícolas para implantação de cinco unidades didáticas. O senhor Adelino Fagundes de Carvalho, trabalhador rural nascido em Porangatu, que iniciou a atividade apícola em 1985 na região da sua propriedade localizada próximo ao povoado da Capelinha, relata que:

Trabalhei com apicultura, é a única coisa que até hoje me deu futuro, o lucro que tinha é quando eu tava trabalhando com apicultura. Foi exatamente com o Zé e o Moacirzin (começou a ouvir falar sobre apicultura na região) lá da Grupelândia, que o pioneiro mesmo que começou aqui [...] Então aí o Zé Araújo, veio aqui, esse tempo nem a Jacy trabalhava na Emater, e foi incentivando, e veio o Moacirzin. [...] Aí eu peguei a caixa do MOBRAL, que foi o MOBRAL que doou essa caixa pro pessoal, que nós era quatro, foi eu, meu irmão, o Generoso e o Sertório, que pegou cada um e foi a Emater que veio através do Zé Araújo e os outros técnico e passou as instrução, como é que fazia tudo, manejo das abeja [...] aí já veio mais outro pessoal interessado no trem, então daí começou.

A partir dessas unidades didáticas, entregues pelo MOBRAL e pela EMATER, a atividade apícola se desenvolveu em Porangatu e na região norte de Goiás. Assim, em 19 de março de 1991 foi fundada a APINORTE – Associação dos Apicultores do Norte Goiano, criada com o objetivo de apoiar e desenvolver a apicultura nesta região (REVISTA ACIAP, 2004).

Em 96 eu associei na Apinorte. Mas aí é tanto que eu passava o dinheiro, que a gente pagava uma prestaçãozinha lá, uma cotazinha, eu pagava na conta do Aldemir e ele repassava né. Compramos aquele cilindro de alveolar cera e na época foi 600 reais de cada associado. Depois eu dei 1 balde de mel pra ajudar na centrífuga, é aquelas manuais que tem lá, aí nós juntamos né. Então foi um caminho assim, mas eu tava longe, mas sempre participando que aí eu ligava, falava com eles e tal (senhor Getúlio de Araújo Lima).

No entanto, sendo a APINORTE uma associação, ou seja, entidade sem fins lucrativos ela não possibilitava o acesso ao mercado. Assim, de acordo com o sr. José Araújo, a partir da necessidade da comercialização coletiva do mel e seus derivados, surgiu no ano 2005 a Cooperativa dos Apicultores do Norte Goiano – COOPERMEL. Sendo que, da fundação da cooperativa participaram 20 sócios fundadores, grande parte agricultores familiares, que tinham a apicultura como atividade secundária, de forma a contribuir para a classe da agricultura familiar:

Ajudou, ajudou muito porque a cooperativa, ela incentiva muito né os produtor e ajuda, ajuda muitas coisas, ela compra mel né e ajuda muito a gente né, vende embalagem, cera, tudo ela ajuda, agora tem a marcenaria que faz caixa também, a gente entra com a madeira, faz as caixa pra gente, tudo isso ajuda muito né (senhor Carlos Alberto Lopes).

Desse modo, dentre as ações para o fortalecimento do cooperativismo, em setembro de 2009 a COOPERMEL fez alteração estatutária, abrindo o quadro social da cooperativa para agricultores familiares que explorem outras atividades, viabilizando



a comercialização de produtos dos mesmos (banana, melancia, mel, farinha de mandioca, hortaliças e outros) através do PAA e PNAE – Programa Nacional de Alimentação Escolar.

Ah não, aí foi muita coisa boa que trouxeram. Na agricultura familiar ela (COOPERMEL) interveio em dar apoio a agricultura familiar pra nós, isso aqui alavancou, como cresceu a cooperativa e como nós temos apoio né, que aí num é só o mel que nós vendemos lá, nós vendemos o polvilho, a farinha, a rapadura, a mandioca, o alface, vende de tudo, o que a merenda escolar precisa nós fornecemos. Eu mesmo forneço mel e a mandioca, e agora eu vou entregar ovos e melancia (senhor Antônio Durão).

Agroecologia, segundo Altieri (2004), é uma ciência e movimento social e político destinado a apoiar a transição dos modelos de agriculturas convencionais, ou seja, o agronegócio com as monoculturas, para agriculturas sustentáveis, visando uma melhoria equilibrada nas dimensões econômica, social, ecológica, política, cultural e ética.

Assim, considerando que os princípios agroecológicos (ALTIERE, 2012, p. 15), “são biodiversos, resilientes, eficientes do ponto de vista energético, socialmente justos e constituem os pilares de uma estratégia energética e produtiva fortemente vinculada à noção de soberania alimentar”, além disso, valorizam, entre outras coisas, o resgate e fortalecimento dos saberes tradicionais, a diversidade dos agroecossistemas e as interações ecológicas (ALTIERI, 2012), pode-se considerar que há uma sinergia entre a Apicultura e a Agroecologia.

[...] E a gente sabe, a gente sabe que, a gente percebe na flor a bichinha lá polinizando as planta, no capim, cê vê até no capim, ajuda até o pecuarista pra semente ficar boa pra ele jogar no outro pasto. Então a gente passa a ser observador, num tem esse, quando ele começa a criar abelha ele começa a enxergar as flores, eu duvido se antes um apicultor, uma pessoa que nunca criou uma abelha num enxerga uma flor direito, só se bater o rosto nela, mas depois passa a enxergar, saber o nome daquela flor, tal, ele passa a ser um observador, falta só formar pra biólogo, alguma coisa assim nessa área (senhor Aldemir).

Dessa forma, conforme Lourenço e Cabral (2016), a apicultura cumpre com todos os pilares do desenvolvimento sustentável: o econômico, porque gera renda e, quando comparada a outras atividades agropecuárias, apresenta uma lucratividade relativamente superior; o social, pois gera emprego e possibilita a ocupação no campo, contribuindo com a redução do êxodo rural; o ambiental, porque não degrada e contribui com o aumento da conscientização da importância da preservação da natureza; e o cultural através da valorização do saber tradicional:

Pra mim não existia salário mió do que do mel. [...] 100% (sustentável), porque a apicultura além de alimento pra gente e é medicinal, então ela existe esses dois intelecto que é alimento e medicina, porque cê sabe que hoje escuta mel cura isso, mel é bom pra aquilo, então, e vendável que nem existe mel de apicultura, eu mexo com gado, mexo com tirar leite, mexo com porco, mexo com galinha, trabalhei braçal e trabalhei até hoje. Se as minhas abeia tivesse hoje na caixa eu não tava tirano leite aqui, levantano de madrugada pra tirar leite pra vender litro de leite de centavo. [...] Então, eu não tenho de falar onde que ela pode ser ruim pra mim (senhor Adelino Fagundes).



Portanto, percebe-se que a atividade apícola e os apicultores consideram a importância da sociodiversidade e de práticas economicamente eficientes e socialmente justas concomitantes à proteção ambiental, ou seja, ao desenvolvimento sustentável.

Conclusões

O presente trabalho possibilitou uma melhor compreensão da luta dos primeiros apicultores, da importância do trabalho coletivo através do associativismo (fundação da APINORTE) e do cooperativismo (fundação da COOPERMEL) e das vitórias que os mesmos conseguiram por meio de parcerias com o poder público local e regional.

Além disso, refletiu a importância da educação (alfabetização) junto ao ensino técnico para os camponeses. Em uma concepção ancorada na *Pedagogia do oprimido* (2011) e *Extensão ou Comunicação?* (2006) de Paulo Freire e, portanto, em experiências educacionais bastante relacionadas a processos de luta e transformação social, ocorreu a humanização libertadora de pessoas com o reconhecimento de suas vocações a partir da realidade camponesa.

Ficou evidente a relação existente entre a Apicultura e a Agroecologia, uma vez que esta é uma ciência, prática e movimento social e político que valoriza o fortalecimento do conhecimento proveniente das experiências de agricultores familiares, bem como os componentes socioculturais, econômicos, técnicos e ecológicos de atividades rurais.

Referências bibliográficas

ALHO, C. J. R. Importância da biodiversidade para a saúde humana: uma perspectiva ecológica. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 26, n. 74, p. 151 - 165, set, 2012.

ALTIERI, M. **Agroecologia**: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável. 4. ed., Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. 120 p.

ALTIERI, M. **Agroecologia**: bases científicas para uma agricultura sustentável. 3. ed., Rio de Janeiro, São Paulo: Expressão Popular, 2012. 400 p.

GUIMARÃES, N. P. **Apicultura**: a ciência da longa vida. Belo Horizonte: Itatiaia Ltda., 1989. 155 p.

IMPERATRIZ-FONSECA, V. L.; NUNES-SILVA, P. Bees, ecosystem services and the Brazilian Forest Code. **Biota Neotropica**, v. 10, n. 4, p. 59-62, 2010.

XI CBA
Congresso
Brasileiro de
Agroecologia

Ecologia de Saberes:
Ciência, Cultura e Arte na
Democratização dos
Sistemas Agroalimentares



LOURENÇO, M. S. M.; CABRAL, J. E. de O. Apicultura e Sustentabilidade: Visão dos Apicultores de Sobral (CE). **Revista em Agronegócio e Meio Ambiente**, v. 9, n. 1, p. 93-115, 2016.

SANTOS, C. S.; RIBEIRO, A. S. Apicultura uma alternativa na busca do desenvolvimento sustentável. **Revista Verde**, v.4, n.3, p. 1-6, 2009.